

Exposição à Violência e a Influência de Pais e Educadores na Dinâmica do Comportamento Violento nas Escolas de Sobral

Winnie Moreira Albuquerque*

winniemoreiraa@gmail.com

Luiz Guilherme Scorzafave*

scorza@usp.br

Samia Mercado Alvarenga*

samia_alvarenga@hotmail.com

Pedro Menzani*

menzanipl@gmail.com

Resumo

A violência escolar é um problema crescente, especialmente em países em desenvolvimento, onde desigualdades estruturais e dinâmicas sociais contribuem para o agravamento da situação. No Brasil, e particularmente no Nordeste, fatores como pobreza e exclusão social impactam diretamente o ambiente escolar, tornando a violência um desafio constante para educadores e famílias. Este estudo, realizado em Sobral — cidade reconhecida por seu desempenho educacional — investiga os fatores de risco e proteção relacionados à violência nas escolas, com ênfase no papel de pais e professores. Utilizando dados longitudinais de 2022 e 2023 aplicados em um modelo logit, os resultados indicam que a exposição prévia à violência é um forte preditor de comportamentos como *bullying*, brigas e automutilação. Por outro lado, o apoio familiar e docente mostra-se essencial para reduzir significativamente a probabilidade de ocorrência desses comportamentos.

Palavras-chave: Violência escolar; *Bullying*; Automutilação; Prevenção.

*Pesquisadores no LEPES - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação e Economia Social da FEA-RP/USP

1 Introdução

A violência juvenil é um fenômeno social complexo, resultante da interação entre fatores individuais, sociais e ambientais, afetando os jovens tanto como vítimas quanto como autores (PIGGOTT et al., 2018). Esse tipo de violência não se limita a agressões físicas e psicológicas, mas inclui crimes graves como roubo e homicídio, com taxas de mortalidade que se tornaram uma preocupação global crescente (BUSHMAN et al., 2018). Estudos recentes indicam que a violência juvenil é impulsionada por fatores como falta de acesso à educação de qualidade, disfunções familiares, exposição à violência nos contextos comunitário e escolar, além de transtornos de saúde mental (FARRINGTON, 2021).

No Brasil, entre 2021 e 2023, mais de 15 mil crianças e adolescentes de 0 a 19 anos foram assassinados de forma violenta (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA], 2024). A grande maioria das vítimas são meninos negros, que têm 21 vezes mais chances de serem mortos do que meninas brancas da mesma faixa etária (Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF], 2024). A perda de vidas compromete de forma irreparável o potencial transformador das futuras gerações, enquanto os traumas impactam profundamente a trajetória de vida dos sobreviventes, afetando seu desenvolvimento pessoal e social a curto e longo prazo (LAWRENCE, 2022).

Além dos dados alarmantes, a vasta extensão territorial do Brasil apresenta um obstáculo adicional, gerando grandes desigualdades na distribuição da violência e dificultando a implementação de estratégias integradas. Isso intensifica o problema, especialmente em áreas isoladas e vulneráveis (IPEA, 2024). No estado do Ceará o município de Sobral destaca-se como um exemplo bem-sucedido de implementação de políticas públicas focadas na educação, ocupando posições de destaque no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (CRUZ; LOUREIRO, 2020). Paradoxalmente, a violência juvenil permanece um problema persistente na cidade, que ganhou notoriedade após um ataque a tiros em uma escola de um bairro periférico (NUNES; COUTINHO; VASCONCELOS, 2023). O episódio evidencia que a violência se manifesta de múltiplas formas, frequentemente refletindo a violência vivida pelos jovens fora da escola, especialmente no contexto familiar (JÚNIOR; PALHARES, 2023).

Este estudo investiga os fatores de risco e proteção associados à violência juvenil, com ênfase no papel de pais e professores tanto na prevenção quanto na perpetuação de comportamentos violentos. O objetivo é identificar os fatores que influenciam a probabilidade de envolvimento em violências interpessoais, coletiva e autoinfligida. Para isso, foram analisados dados de 2022 e 2023 de estudantes da rede pública de Sobral. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para a literatura, fornecendo evidências sobre a dinâmica da violência juvenil nas escolas de um país em desenvolvimento, onde as estruturas de prevenção e intervenção ainda são limitadas e heterogêneas.

2 Metodologia

A modelagem estatística foi realizada utilizando dados de 2023 (variáveis dependentes) e de 2022 (variáveis explicativas). O uso de regressores defasados contribui para mitigar — embora não eliminar completamente — possíveis

problemas de endogeneidade. A escolha dos anos de 2022 e 2023 visa reduzir a influência direta da pandemia de COVID-19 sobre os resultados, permitindo uma avaliação mais precisa dos fatores associados a comportamentos violentos entre os jovens em um contexto pós-pandêmico. Para aprofundar a compreensão dos fatores associados à violência juvenil, o estudo analisa diferentes grupos de regressores que refletem os contextos pessoal, familiar e escolar dos estudantes, conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1: **Variáveis utilizadas**

Variáveis resposta		
Nome	Descrição	
Autolesão	Envolve danos intencionais ao próprio corpo, frequentemente como uma forma de lidar com emoções negativas. Na presente análise, refere-se especificamente a pergunta: “Você se corta de propósito?” Em muitos momentos ou em alguns momentos ou em poucos momentos = 1; Nunca = 0.	
Praticar <i>bullying</i>	“No último mês, você esculachou, zombou, mangou, intimidou ou caçou de algum de seus colegas de escola tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado?” Sempre ou de vez em quando ou quase nunca = 1; Nunca = 0.	
Participar de brigas	“Você tem entrado em brigas físicas?” Em muitos momentos ou em alguns momentos ou em poucos momentos = 1; Nunca = 0	
Envolvimento com gangues	Descrito como a participação em grupos organizados que frequentemente se dedicam a atividades ilegais e/ou violentas e perguntado como: “Você se considera membro de uma gangue?” Sim = 1; Não = 0	
Variáveis explicativas		
Grupo de fatores	Nome	Descrição
Características individuais	Sexo	Masculino = 1; Feminino = 0.
	Cor/raça	Negro ou indígena = 1; Branco ou amarelo = 0.
	Autoimagem	Insatisfeito(a) ou muito insatisfeito(a) = 1; muito satisfeito(a), satisfeito(a) ou indiferente = 0.
Contexto familiar	Renda	Beneficiário do Programa Bolsa Família (PBF) = 1; não beneficiário do Programa Bolsa Família = 0.
	Mora com mãe e pai	Mora com ambos os pais = 1; não mora com ambos os pais = 0.
	Escolaridade da mãe	Mãe com ensino médio completo ou superior = 1; Mãe com ensino médio incompleto ou menos = 0.
	Sente apoio dos pais	Pouco verdadeiro ou totalmente verdadeiro = 1; totalmente falso, pouco falso ou nem verdadeiro e nem falso = 0.
Contexto escolar	Repetência	Uma vez ou mais = 1; não repetiu = 0.
	Sente apoio do professor	Pouco verdadeiro ou totalmente verdadeiro = 1; totalmente falso, pouco falso, nem verdadeiro e nem falso = 0.
Exposição à violência	Violência em casa	Presenciou ou sofreu violência em casa = 1; não presenciou ou sofreu violência em casa = 0.
	Violência na escola	Presenciou ou sofreu violência na escola = 1; não presenciou ou sofreu violência na escola = 0.

Nota: 17,5% cometeram autolesão e 37% apresentaram ao menos um comportamento externalizante. Fonte: Elaboração própria.

As respostas foram convertidas em variáveis binárias para facilitar a análise. Foi atribuído o código 1 quando foi observada qualquer frequência do comportamento, e o código 0 quando o comportamento não foi observado. As

estimações foram realizadas por meio de um modelo estatístico de Regressão Logística (Logit). Dois modelos foram testados. No primeiro modelo, a variável dependente é a automutilação. As variáveis explicativas incluem todas as características individuais, o contexto familiar, o contexto escolar e a exposição à violência. O segundo modelo foi desenvolvido para investigar os fatores associados a comportamentos externalizantes, utilizando como variável dependente uma variável binária. Essa variável foi codificada como 1 caso o estudante tenha relatado ao menos um dos seguintes comportamentos: prática de *bullying*, envolvimento em brigas físicas ou participação em gangues; e como 0 se nenhum desses comportamentos foi relatado. As variáveis explicativas utilizadas no Modelo 2 são as mesmas do Modelo 1. Os coeficientes estimados para cada modelo foram utilizados para calcular razões de chances (*odds ratios*), efeitos marginais e probabilidades preditas, com o objetivo de facilitar a interpretação dos resultados.

Adicionalmente, foram estimadas probabilidades preditas a partir dos coeficientes calculados nos modelos de regressão logística, permitindo a projeção da probabilidade de envolvimento em comportamentos violentos para diferentes perfis de jovens. Essas estimativas permitiram avaliar a probabilidade de envolvimento em comportamentos violentos em distintos grupos, demonstrando como diferentes fatores interagem e influenciam a predisposição a tais condutas.

3 Resultados

A Tabela 1 apresenta os resultados dos dois modelos de regressão logística estimados com base em uma análise defasada, na qual as variáveis resposta correspondem ao ano de 2023 e as variáveis explicativas correspondem a 2022. Os resultados incluem valores de significância estatística ($Pr(>|z|)$), efeitos marginais (Marginal Ef.) e razões de chances (OR) para investigar os fatores associados aos tipos de comportamentos entre estudantes: autolesão e outros comportamentos externalizantes (*bullying*, brigas físicas e envolvimento em gangues).

Tabela 2: Resultados dos modelos logit

Variável explicativa	Autolesão			Outros comportamentos externalizantes		
	Pr(> z)	Marginal Ef.	OR	Pr(> z)	Marginal Ef.	OR
Intercepto	0,000**	-	0,13	0,560	-	0,77
Sexo	0,717	-0,012	0,91	0,000**	0,247	3,23
Cor/raça	0,600	0,020	1,16	0,730	0,017	1,08
Autoimagem	0,030*	0,077	1,79	0,090	0,086	1,51
Renda (beneficiário PBF)	0,400	0,029	1,25	0,830	0,010	1,05
Mora com mãe e pai	0,330	0,054	1,50	0,030*	0,149	2,02
Escolaridade da mãe	0,480	-0,025	0,83	0,140	-0,068	0,72
Sente apoio dos pais	0,270	-0,040	0,74	0,000**	-0,140	0,51
Repetência	0,940	-0,004	0,97	0,040*	0,171	2,24
Sente apoio do professor	0,040*	-0,073	0,58	0,640	-0,022	0,90
Violência em casa	0,030*	0,086	1,91	0,050*	0,101	1,61
Violência na escola	0,690	-0,016	0,89	0,050*	0,094	1,56

Nota: Os valores de significância estatística ($Pr(>|z|)$) seguem o código: 0 ‘***’; 0,05 ‘*’.
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados do modelo ajustado para automutilação indicam que estudantes insatisfeitos com sua autoimagem tem 7,7 pontos percentuais (p.p.) a mais de chance de se automutilarem do que os demais. Isso corresponde a uma razão de chances (OR = 1,79) que sugere que esses estudantes têm aproximadamente 80% mais chances de relatar automutilação em comparação àqueles com autoimagem positiva. A exposição à violência doméstica também se destacou como fator de risco significativo, com efeito marginal positivo de 8,6 p.p. e uma alta razão de chances (OR = 1,91). Ou seja, estudantes expostos à violência no ambiente familiar têm quase o dobro de probabilidade de relatar comportamentos autolesivos em comparação àqueles que não vivenciam essas situações. Por outro lado, o apoio recebido de professores emergiu como fator de proteção significativo. Estudantes que se sentem apoiados pelos professores têm 7,3 p.p a menos de probabilidade de automutilação em relação aos demais.

Os resultados do modelo ajustado para comportamentos externalizantes indicam que os meninos têm quase 25 p.p. a mais de chance de praticar do que as meninas (OR = 3,23). Isso sugere que meninos têm 2,23 vezes mais chances de relatar tais comportamentos em comparação às meninas. Outro fator significativo foi “residir com ambos os pais”, que apresentou efeito marginal positivo de 14,9 p.p. e uma alta razão de chances (OR = 2,02). Embora esse resultado possa parecer contraintuitivo, ele está alinhado a estudos que sugerem que a presença de ambos os pais no domicílio nem sempre garante um ambiente familiar positivo. A presença de conflitos familiares, mesmo quando ambos os pais estão presentes, pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos disfuncionais em adolescentes. O fracasso escolar também se destacou como fator estatisticamente significativo, com efeito marginal positivo de 17,1 p.p. e alta razão de chances (OR = 2,24). A exposição à violência em casa apresentou efeito marginal positivo de 10,1 p.p. e uma razão de chances elevada (OR = 1,61), enquanto a exposição à violência na escola teve efeito marginal positivo de 9,4 p.p. e razão de chances semelhante (OR = 1,56). Esses resultados indicam que estudantes expostos a contextos violentos, seja no ambiente familiar ou escolar, apresentam maior probabilidade de relatar comportamentos externalizantes. Entretanto, o apoio parental emergiu como fator de proteção significativo, com efeito marginal negativo de -14 p.p. e razão de chances (OR = 0,51). Ou seja, o apoio emocional dos pais desempenha um papel fundamental na redução da probabilidade de comportamentos violentos entre os jovens. Outras variáveis, como raça/cor, renda familiar (receber Bolsa Família) e escolaridade da mãe, não demonstraram associação estatisticamente significativa com os comportamentos violentos analisados.

As probabilidades preditas estimadas demonstraram que a possibilidade de envolvimento em comportamentos externalizantes aumenta conforme fatores de risco se acumulam. Inicialmente, meninos negros insatisfeitos com a autoimagem apresentam um risco de 61%, que sobe para 73% quando expostos à violência em casa e na escola. O contexto familiar, incluindo baixa escolaridade materna e falta de apoio dos pais, eleva essa chance para 88%. A ausência de suporte escolar em jovens repetentes eleva o risco para 95%. No caso da autolesão, a probabilidade inicial em meninos negros insatisfeitos com a autoimagem é de 23%. Essa probabilidade aumenta para 28% com a exposição à violência doméstica e escolar, chegando a 38% ao considerar vulnerabilidades familiares e atingindo 45% ao considerar um ambiente escolar desfavorável.

3.1 Discussão

Observa-se que a relevância dos diferentes fatores de risco e proteção varia conforme o tipo de comportamento analisado — se direcionado a terceiros ou a si mesmo. A única exceção é o histórico de exposição à violência doméstica, que se destaca como um preditor significativo em ambos os modelos. Conforme argumentam Finkelhor et al. (2007) e Anda et al. (2006), a exposição contínua à violência durante a infância — seja como testemunha ou vítima direta — pode comprometer o desenvolvimento emocional, as habilidades de autorregulação e a percepção de segurança nas relações interpessoais, predispondo os indivíduos tanto a respostas agressivas quanto autodestrutivas.

Por outro lado, os resultados também evidenciam o papel protetivo das relações de apoio com adultos fora do núcleo familiar — especialmente os professores — na mitigação dos efeitos de experiências adversas. O apoio dos docentes reforça a importância do contexto escolar como um espaço de cuidado e promoção da saúde mental, uma vez que está associado a um maior senso de pertencimento, autoestima mais elevada, menores níveis de sofrimento psicológico e, em muitos casos, pode funcionar como ponte para o encaminhamento a serviços especializados. Isso se deve ao fato de que o professor é capaz de atuar tanto na identificação precoce quanto na prevenção de comportamentos autolesivos.

Nesse contexto, o envolvimento proativo de adultos se revela imprescindível para interromper o ciclo da violência, prevenindo a escalada de comportamentos destrutivos para formas mais extremas de agressão (Koposov et al., 2021; Jackson & Viljoen, 2024).

4 Conclusões e Considerações Finais

As conclusões deste estudo evidenciam que a violência juvenil é um fenômeno multifacetado, profundamente enraizado em uma complexa articulação de fatores individuais, familiares, escolares e sociais. A exposição prévia à violência — especialmente no ambiente doméstico — destaca-se como um dos preditores mais consistentes do envolvimento de jovens em comportamentos agressivos, indicando que contextos marcados pela insegurança e pela violência não apenas influenciam diretamente tais condutas, como também contribuem para a manutenção de um ciclo contínuo de agressão.

Por outro lado, fatores de proteção, como o apoio parental e o envolvimento de professores, demonstram reduzir significativamente a probabilidade de ocorrência de comportamentos violentos e autolesivos entre os adolescentes. Esses achados reforçam a importância de políticas públicas e intervenções multissetoriais que priorizem o fortalecimento das redes de apoio familiar e escolar como estratégias centrais de prevenção da violência e promoção do bem-estar juvenil. Entre as ações promissoras, destacam-se a prevenção da violência doméstica e o investimento na formação de educadores para que atuem como agentes ativos de apoio emocional.

Embora os resultados tenham como foco o município de Sobral — reconhecido nacionalmente por seus avanços educacionais —, os desafios identificados revelam dinâmicas que extrapolam o contexto local e refletem uma

realidade mais ampla, comum a diversas regiões do Brasil e de outros países em desenvolvimento.

5 Referências

Anda, R. F., Felitti, V. J., Bremner, J. D., Walker, J. D., Whitfield, C. H., Perry, B. D., ... & Giles, W. H. (2006). The enduring effects of abuse and related adverse experiences in childhood: A convergence of evidence from neurobiology and epidemiology. *European archives of psychiatry and clinical neuroscience*, 256, 174-186.

Bushman, B. J., Coyne, S. M., Anderson, C. A., Björkqvist, K., Boxer, P., Dodge, K. A., ... & Ybarra, M. L. (2018). Risk factors for youth violence: Youth violence commission, International Society for Research on Aggression (ISRA). *Aggressive behavior*, 44(4), 331.

Cruz, L., & Loureiro, A. (2020). Alcançando um nível de educação de excelência em condições socioeconômicas adversas: O caso de Sobral. *World Bank Group*.

Farrington, D. P. (2021). New findings in the Cambridge study in delinquent development. *The encyclopedia of research methods in criminology and criminal justice*, 1, 96-103.

Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive, national survey. *Child maltreatment*, 10(1), 5-25.

Jackson, J. R., & Viljoen, J. L. (2024). Preventing school violence: A review of school threat assessment models. *Journal of threat assessment and management*, 11(1), 48.

Júnior, L. M., & Palhares, J. M. (2023). Os efeitos das políticas neoliberais e da globalização sobre a educação brasileira: o "novo" Ensino Médio e a escalada da violência nas escolas de Educação Básica. *Revista Ciência Geográfica*, 27(4), 2509-2524.

Koposov, R., Isaksson, J., Vermeiren, R., Schwab-Stone, M., Stickley, A., & Ruchkin, V. (2021). Community violence exposure and school functioning in youth: cross-country and gender perspectives. *Frontiers in public health*, 9, 692402.

Lawrence, T. (2022). Family violence, depressive symptoms, school bonding, and *bullying* perpetration: an intergenerational transmission of violence perspective. *Journal of school violence*, 21(4), 517-529.

Nunes, G. S. I., Coutinho, E. F., & Vasconcelos, F. H. L. (2023). Política pública de avaliação externa: um estudo de caso da rede pública municipal de educação de Sobral/CE. *Revista Educar Mais*, 7, 538-551.

Piggott, T., Harrington, D., Mann, R., Hamilton, H. A., Donnelly, P. D., & Manson, H. (2018). Youth violence victims and perpetrators in Ontario: identifying a high-risk group and a focus for public health prevention. *Canadian journal of public health*, 109, 195-203.

United Nations Children's Fund (2024). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. UNICEF. <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil-2021-2023>.